

do Distrito Federal. A relação com a capital não se resume à memória afetiva de quem volta para visitar a família. Ela está associada também à formação artística, às oportunidades que encontrou quando ainda não tinha condições financeiras de pagar por um curso e à descoberta de que a arte poderia ser mais do que um sonho distante.

Rainer deixou o “quadradinho”, mas reconhece que a cidade permanece dentro dele. “Nunca perdi esse olhar largo de Brasília: o horizonte, o céu, os ipês, a arquitetura e os espaços que nos convidam a imaginar”, diz. A paisagem brasiliense, com seus vazios, suas distâncias e sua luminosidade particular, integra a maneira como ele percebe os lugares e constrói imagens. Mas a formação do ator também dependeu de encontros decisivos, especialmente com a professora e diretora Adriana Lodi, no Espaço Cultural Renato Russo.

Na época, ele saía de Samambaia, pegava dois ônibus até a Asa Sul e enfrentava mais de uma hora de trajeto, muitas vezes em pé, para frequentar o curso continuado. A dificuldade de acesso não impediu a persistência, mas tornou ainda mais importante a existência de um espaço de formação ao qual pudesse recorrer. “Foi uma fase dura, mas aquele encontro me apresentou, me iniciou e me preparou para a vida nas artes. De alguma maneira, possibilitou a vida que tenho hoje”, afirma.

A lembrança tem um significado que vai além da gratidão individual. Rainer reconhece nas políticas públicas de cultura uma porta de entrada para quem deseja trabalhar com arte, mas não dispõe de recursos para custear a própria formação. Sua trajetória guarda a marca desse investimento e da importância de instituições capazes de aproximar novos artistas de profissionais experientes. Anos depois, ele voltou à cidade para filmar *Dia útil*, das irmãs Diniz, com preparação de elenco de Adriana Lodi. O longa, que aborda a violência contra a mulher e conta com uma equipe majoritariamente feminina, representa um reencontro com as próprias origens.

“Foi muito simbólico retornar à cidade para fazer cinema ao lado de quem participou do início da minha formação”, comenta. A experiência também reforçou o desejo de participar de projetos que apresentem Brasília para além das imagens mais conhecidas. O ator sente falta de uma representação audiovisual que contemple a diversidade de histórias e experiências da capital, frequentemente reduzida aos monumentos, à Esplanada dos Ministérios e aos acontecimentos políticos.

“Brasília costuma aparecer como centro do poder, mas muito pouco como cidade vivida. Ela é muito maior do que os monumentos e o Plano Piloto. Existe o Guará, Ceilândia, Samambaia Sul e Norte, cada lugar com seus personagens, sotaques, afetos, contradições e histórias”, observa. Para ele, a cidade oferece uma riqueza narrativa ainda pouco explorada pela televisão aberta. “Brasília pode ser mais do que cenário: pode ser personagem.”

Quando retorna, Rainer procura conciliar a contem-

plação da arquitetura com a intimidade dos encontros familiares. Gosta de se hospedar próximo à Esplanada e acordar diante dos monumentos, mas faz questão de tomar um café ou um chá com dona Ronalda, sua mãe, no Guará. Visita a irmã, os sobrinhos, os primos, os amigos de infância e os avós do filho, Pietro, no Jardim Botânico. Também volta à W3, passa pelo Espaço Cultural Renato Russo e pelo Elefante Branco, onde estudou, e se permite descobrir novos restaurantes ou rever lugares que guardam lembranças.

Há ainda espaço para o cinema, o stand up paddle no Lago Paranoá e, quando a agenda permite, uma viagem à Chapada dos Veadeiros, um de seus lugares favoritos no mundo. O roteiro reúne diferentes versões de uma mesma história: o menino que cresceu em Brasília, o jovem que buscava uma oportunidade na arte e o profissional que hoje retorna com a possibilidade de contribuir para a produção cultural da cidade. “Meu roteiro mistura família, memória, arte e novas descobertas”, resume.

Tal pai, tal filho

A relação com as origens ganha outro significado na paternidade. Aos 18 anos, o herdeiro, Pietro, começa a construir o próprio percurso artístico e estuda na Casa das Artes de Laranjeiras (CAL), no Rio de Janeiro, instituição pela qual o pai também passou. A afinidade profissional não significa, porém, que os dois estejam destinados a repetir a mesma trajetória.

Rainer acompanha os passos do filho com orgulho, mas reconhece nele uma voz própria, uma sensibilidade particular e uma coragem que o surpreende. Pietro já escreveu e protagonizou um monólogo, experiência que despertou a admiração do pai. “É muito bonito vê-lo seguindo meus passos e, ao mesmo tempo, encontrando a própria voz. É uma potência, e tenho muito orgulho de acompanhá-lo”, afirma.

A postura de Rainer é a de um pai presente, disposto a aconselhar e a ajudar o filho a encontrar oportunidades, sem confundir proteção com controle. Prefere oferecer apoio, compartilhar experiências e estar disponível para as decisões que o jovem precisa tomar. Ao mesmo tempo, sabe que a experiência de um artista não pode ser transferida integralmente para outro, mesmo quando os dois dividem o mesmo sobrenome e o mesmo interesse pela criação.

A troca também acontece no sentido inverso. Pietro apresenta ao pai novas referências, outro ritmo de consumo cultural e maneiras diferentes de produzir e divulgar arte. Rainer pede opiniões sobre música, escrita, redes sociais e projetos, sem tentar reproduzir artificialmente os códigos de uma geração mais jovem. “Não é uma tentativa de parecer mais jovem, mas de manter minha escuta viva e compreender outras formas de expressão”, explica. “Eu compartilho minha experiência e ele amplia o meu olhar. É uma troca muito rica”, conclui.



Fotos: Globo/Divulgação

No ar como César em *Quem ama cuida*



Celso, em *Êta mundo bom e Êta mundo melhor*



O homossexual Visky em *Verdades secretas 1 e 2*



Pietro tem 18 anos e é filho de Rainer Cadete